



1 – INTRODUÇÃO

1.1 – É reconhecida a importância do tema da *consciência* na educação, que é, desde logo, posta em destaque pela etimologia do verbo *educar*: facultação de *alimento* (*educare*), mas também *orientação* e *responsabilização* (*ex ducere*). Como salienta Paulo Freire, a educação não pode ser desligada da *conscientização* (P. Freire, 2003), dado que educar se destina a servir e orientar o percurso humano dos indivíduos.

A escola, como espaço de formação, deverá saber aproveitar todos os meios ao seu alcance para proporcionar aos indivíduos *educação*, contribuindo, a prazo, para a sua realização pessoal e o desenvolvimento da sociedade.

Embora as questões relacionadas com a *consciência* sejam reconhecidamente complexas, elas têm lugar na escola. Indivíduos bem formados terão de ser indivíduos conscientes – reflexivos, detentores de espírito crítico, interventores responsáveis no "sentido de construção" do mundo.

Por sua vez, a literatura pode e deve ser posta ao serviço do esforço educativo da escola. Se a literatura tem uma dimensão de arte e de cultura, e como tal deve ser considerada na escola, ela não dispensa, igualmente, uma relação profunda com a realidade e exprime maneiras de agir sobre ela. Como desde sempre aconteceu, na história da humanidade, a literatura desempenha funções de intervenção sócio-política, de denúncia e de catarse, de luta por grandes causas

humanas, de profilaxia e construção de *cenários* individuais e colectivos, de modelização do mundo.

Não pode, por isso, ser negada à literatura capacidade interventiva, na educação e na formação da consciência e do modo como ela "constitui e povoa o mundo" (H. White, 1994, p.116).

Existem, naturalmente, autores mais integrados nesta perspectiva do que outros, e portanto mais aproveitáveis que outros para trabalhar estes fins (consciência, educação). Nesse sentido, Cesário Verde encontra-se em grande evidência, e o seu texto, *O sentimento dum ocidental*, revela, aí, grandes potencialidades.

1.2 – Um aspecto a considerar é que Cesário Verde, enquanto autor de destaque nos programas de ensino, tem sido, consideráveis vezes, como muitos outros, lido e estudado por "cartilhas", segundo propostas pré-moldadas, por "apontamentos" alheios, por vezes até por receitas dogmáticas que pretendem, uma vez passadas à memória, possibilitar ao aluno conquistar, artificialmente (sem benefício formativo), o almejado velo de ouro da correspondência aos ditames curriculares e das passagens de ano.

É, deste modo, posta em evidência a relevantíssima questão de a escola perseguir meramente o *sucesso institucional*, ou de contribuir, como não pode deixar de ser, para a construção do *sucesso educativo* dos alunos.

No que toca à literatura, a escola, ao tratá-la de modo *artificial*, está a negar-lhe uma das suas mais importantes funções, que é a de contribuir para a formação dos indivíduos e, desse modo, para a humanização da sociedade. "Estudar" literatura não pode ser memorizar textos, estudar resumos de textos, corresponder a estereótipos sobre textos; mas trabalhar (construir) leituras de textos, que sirvam os próprios textos e abram perspectivas para a leitura de outros textos, desenvolver espírito crítico, fortalecer o gosto pela leitura e incutir as melhores competências nesse domínio, facultar formação que permita aos leitores diversificarem os modos de ver a vida e o mundo contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

Para o desvirtuamento da importância da literatura, no mundo de hoje, têm concorrido entendimentos errados, que começam na escola e depois passam para a vida dos indivíduos adultos e conduzem à sua desvalorização e a entendimentos errados, como o de que a literatura pertence ao domínio do supérfluo.

A escola e muitos professores concorrem, por vezes, para isso, ao "estereotiparem" o ensino da literatura, o que é aproveitado, no mau sentido, por algumas editoras, o que, por sua vez, reforça ainda mais os desempenhos desviantes por parte dos professores e da escola, numa circularidade muito difícil de anular.

É preciso combater essa tendência instalada. O nosso contributo para esse fim passa pela refocalização do estudo de Cesário Verde, também a essa luz. Para isso, propomo-nos desenvolver o tema 'manifestações da consciência', em *O sentimento dum ocidental*, de Cesário Verde, numa perspectiva didáctica, procurando ajudar os professores a melhor trabalharem com os alunos o importante autor (o actual autor) que é Cesário Verde.

2 –ESPECIFICIDADES TEMÁTICO-CULTURAIS DE CESÁRIO VERDE

Do conhecimento da personalidade literária e sócio-cultural de Cesário Verde e da leitura de *O sentimento dum ocidental*, ficam-nos, logo à partida, alguns aspectos nucleares que, atendendo sobretudo à aplicação didáctica que aqui pretendemos, importa relevar.

São eles: As motivações para a escrita do poema. Os dualismos. As frustrações de vida do Poeta. Doença e morte. A literatura ao serviço de um projecto ideológico-social. Um uso especial da linguagem.

a) As motivações para a escrita do poema.

O sentimento dum ocidental insere-se em *O Livro de Cesário Verde* (1887). Este livro, o único (e póstumo) do autor, foi dedicado a Guerra Junqueiro e teve colaboração de Silva Pinto, cuja participação levantou (continua a levantar) fortes dúvidas sobre o que é verdadeiramente de Cesário e o que será porventura seu (L. A. Oliveira, 1944).

O sempre renovado "complexo edipiano" cultural, sentido ao longo dos tempos: tal como com Sócrates e Platão, Tycho Brahe e Johannes Kepler, Mozart e Salieri, Kafka e Max Brod, Husserl e Heidegger... (G. Steiner, 2005), a trabalhar por dentro, e o incêndio que destruiu a casa de Cesário (1919), em Linda-a-Pastora, onde ficara depositado o seu espólio literário, a trabalhar por fora, vieram complicar ainda mais as coisas, tornando o problema talvez irresolúvel para sempre.

O sentimento dum ocidental pretendeu homenagear Camões na passagem do terceiro aniversário do seu falecimento. Tendo sido originalmente publicado no Porto (1880), o texto passou despercebido à crítica, tendo-se o poeta lamentado disso, numa das suas cartas (Carta de 29.08.1880, a António de Macedo Papança, Conde de Monsaraz), onde escreve que "uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação! Ninguém escreveu, ninguém falou, nem um noticiário, nem uma conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal." (C. Verde, 1999, pp.210).

Cesário diz que o poema foi escrito com essa intenção de celebrar Camões, a que os republicanos (Cesário era-o, *de facto*, se não, ao que sabemos, por qualquer adesão política formal, pelo menos por opção ideológica profunda, que revela nos seus textos), nesse tempo, deram um relevo especial.

Se é ele quem diz que foi essa a sua intenção, não temos o direito de duvidar. Mas, sendo-o, foi-o de modo original, desconcertado em relação às posições oficiais do tempo, e talvez tenha vindo daí, a par do desinteresse que suscitava o trabalho literário empenhado e a originalidade de Cesário, outra das razões do "esquecimento" da crítica.

É que o poeta, nessa mesma carta, também acrescenta que "apenas um crítico espanhol chamava às chatezas dos seus patrícios e dos meus colegas – *pérolas* – e afirmava... que os meus versos "hacen malísima figura en aquellas páginas impregnadas de noble espíritu nacional." (C. Verde, 1999, p.210).

Na verdade, o modo como Cesário Verde celebra o 3º centenário da morte de Camões exprime "uma representação objectivada da... decadência histórica" em que tinham encalhado Portugal e os portugueses. À exaltação formal a que oficialmente se aderiu, Cesário Verde contrapõe a denúncia da triste realidade em que o país se encontrava.

O ambiente que se desenvolve no poema, acerca da "triste cidade", é simbolicamente depreciativo (a realidade é triste, Lisboa é triste, o país é triste, os portugueses são tristes...). A referência às "crónicas navais" e às "soberbas naus" é uma evocação da pureza dos Descobrimentos, o que não corresponde à realidade vivida, de um couraçado inglês ancorado junto a Lisboa, com toda a humilhação nacional que isso exprimia. Camões salva "outra vez", a nado, o seu livro, mas agora não luta apenas contra a voracidade das águas. A vida relacionada com o mar está transformada em comércio e em desgraça. A figura de Camões, o "épico de

outrora", aparece transmutada em "estátua" fria, entre banais bancos de namoro e pimenteiras. Os militares perderam o orgulho de outrora e servem a mediocridade instituída. As frotas desejadas não são localizadas no presente, mas pertencem... aos avós, os "nómadas ardentes", que não se sabe de onde virão, porque são sonhados apenas.

É clara a oposição entre aquilo que Cesário pretende que a realidade seja e o que ele sente que ela é, e não consegue disfarçar, por mais que quisesse celebrar *correctamente* a efeméride do épico. O tempo em que Portugal não passava de "um obscuro desembarcadouro de cruzadores britânicos" (M. Sacramento, 1959, p.122), sem vontade nem sonho, com todo o abandono e desordem em que se encontrava tudo, não o deixa indiferente. E a isso também não foi "indiferente" a elite cultural alinhada, do seu tempo, que em parte não o compreendeu, mas que também o ignorou propositadamente.

O poder instituído sempre teve disto, em Portugal.

A grande motivação para a escrita do poema foi a necessidade de denúncia sentida pelo autor, perante a realidade da Lisboa do seu tempo, povoada de uma maioria de gente submissa e desgraçada, a contrastar com uma minoria abastada e "feliz", com quem ele se diz "aborrecido" e com "raiva como a um marreco" (Carta a Mariano Pina, de 16.07.1879 – C. Verde, 1988, pp.225-228). Uma Lisboa marcada pelas transformações e contradições do fontismo, ainda hoje visíveis (J.-A. França, 1993, pp.55-65), que ele apresenta "refractada nas percepções e sentimentos" que experimenta, e o despertam, enjoam, inspiram, incomodam... (J. P. Coelho, 1976, p.196), aos mais diversos níveis: físico, social, moral... humano. Uma Lisboa que representava, desgraçadamente, e para o pior, a realidade amorfa, decadente, aviltada, do país.

b) Os dualismos.

Os dualismos presentes na obra de Cesário Verde, em geral, não têm (não merecem, no nosso entender), a relevância que se lhes tem querido atribuir, em termos didácticos, prestando-se até, com tal sobrevaloração, um mau serviço ao estudo da obra do poeta (um estudo formal, dirigido à memória), pela passividade que isso provoca nos alunos, desviando-os da inovação, do *despertar da consciência* e do desempenho crítico.

Estudar Cesário, como estudar literatura, deve ser um acto pessoal e criativo, que se não coaduna com *emolduramentos* definitivos de quaisquer partes de uma obra.

Mas com isto não se pretende negar as dicotomias, que estão realmente presentes na poesia de Cesário Verde, devendo-se, não apresentá-las aos alunos como objecto de estudo, mas levar os alunos a descobri-las e a compreender o seu alcance contextualizado.

Eis algumas dessas dicotomias (M. V. Mendes, 1992, p.17), que importa levar os alunos a descobrirem: oposição entre cidade e campo, favorecidos e desfavorecidos, pobres e ricos, altruístas e orgulhosos, produção industrial e actividade comercial e vida do campo, consumismo e miséria, proprietários e operários, trabalhadores e ociosos, quotidiano citadino e rural, crescimento urbano e abandono rural, saúde e doença (tuberculose, epidemias), meios de transporte tradicionais e *modernos* (linha férrea, transportes colectivos), isolamento e falta de informação e meios de comunicação social (jornal, telégrafo), domínio do conhecimento e poder e vigência da ignorância e subordinação, operariado (indústria naval, construção civil, transportes, minas, pescas, tabaco...) e poder económico, real histórico representado e real poético produzido, restos do real e visões do real, sinceridade poética e artificialidade, sentimento e objectividade, imaginário e realidade, emoção e racionalidade, vida e morte, amor e morte, revolução e tradição, espírito burguês e espírito inovador.

Mais especificamente, em *O sentimento dum ocidental*, repartidos pelas quatro partes que constituem o poema, fazem-se notar os seguintes dualismos:

Parte I - A realidade do mundo exterior e da consciência do Poeta. A infelicidade dos que ficam e a felicidade dos que vão. Os trabalhadores e os ociosos. Os pobres e os ricos. Os favorecidos e os desgraçados. A realidade e a evasão. Os inocentes e os orgulhosos. A felicidade da inconsciência e a infelicidade da consciência.

Parte II - Os tristes e os afortunados. A inocência e a crueldade. A realidade abominada da cidade e a cidade idealizada. Clericalismo e laicidade. Os seres murados e os seres livres. O tempo *vulgar* de *hoje* (recinto público, bancos de namoro, exíguas pimenteiras) e o tempo simbólico e grandioso de Camões (brônzeo, monumental, de proporções guerreiras, levantado num pilar). A paz e a guerra (os soldados). Os palácios e os casebres. Tempo de hoje e Idade Média. As elegantes e os desfavorecidos. A verdade e a falsidade.

Parte III - O exterior (a rua) e o interiores. O dia e a noite (pesa, esmaga). As mulheres-bem e as impuras. As lojas para os que têm posses e a miséria para os desgraçados.

Parte IV - Finitude e eternidade. O presente negativo e o futuro promissor. Hipocrisia e sinceridade.

Uma dicotomia, das mais valorizadas, em *O sentimento dum ocidental*, é o dualismo cidade-campo.

A cidade exprime a mundividência dos bons (os fracos e abandonados) e dos maus (as personagens negativas habitando os seus espaços, o mundo burguês, a que Cesário pertencia, mas que repudiava). O campo representa a vida ligada à natureza (expressão da afectividade), à liberdade, aos valores tradicionais, ao equilíbrio, à memória, a tudo aquilo que se coaduna com os ideais e os sonhos de futuro, de Cesário. O campo representa, sobretudo, a evasão, a compensação do mal-estar provocado pela cidade – que representa a fixidez, a passividade, o palco onde todos os males se representam.

c) As frustrações de vida do Poeta.

Cesário concluiu a instrução primária, aos dez anos (J. Serrão, 1986), recebendo, após isso, formação, na própria loja do pai, para a actividade do comércio.

Foi preparado, pela família, para dar continuidade ao negócio de ferragens, na loja que tinha em Lisboa e que geria com determinação.

Igualmente, a família tomou por herança, em 1869, uma quinta, em Linda-a-Pastora. E assim Cesário se tornou comerciante de ferragens e gestor agrícola da propriedade familiar. A sua educação foi toda ela orientada nesse sentido.

Apesar de ter o sustento e a posição social garantidos, Cesário dedica-se intensamente aos negócios, mas considerando as funções que exercia um "peso", sobretudo pelo tempo que lhe tiraram, contrapondo a isso o sonho de ser escritor.

Em cartas a João de Sousa Araújo, ele queixa-se da vacuidade da vida que leva, dos "muitos afazeres" que tem (carta de 20.07.1871 – C. Verde, 1999, p.177), da sua "vida muito estúpida" (carta de 14.11.1871 – C. Verde, 1999, p.178), sem razão de ser (carta de ??11.1871 – C. Verde, 1999, p.179).

Em cartas ao "irmão" Silva Pinto, denuncia que vive "cheio de trabalho comercial" (carta de 1875 – C. Verde, 1999, p.182) e considera não se conformar por ter de se dedicar ao comércio (carta de 1875 – C. Verde, 1999, p.185). Reconhece que, mesmo "ao serviço da casa" (carta de 1875 – C. Verde, 1999, p.189), anda sempre ocupado com a escrita, a sua e a dos outros.

Diz não se sentir bem "em parte nenhuma", "cheio de ansiedades de coisas" que não pode nem sabe realizar (carta de 1877 – C. Verde, 1999, p.191). Denuncia que está preso à loja, preso ao comércio (carta de 1875 – C. Verde, 1999, p.192), perdido "no meio dos pomares burgueses e produtivos", afastado da literatura mas "amando-a ainda muitíssimo" (carta de 1879 – C. Verde, 1999, p.194).

Essa foi uma das suas frustrações.

Aos 18 anos, Cesário matriculou-se no Curso Superior de Letras, a que não deu conclusão. Essa foi outra das suas frustrações. Mesmo assim, a frequência do curso serviu-lhe para estabelecer contactos (sobretudo com Silva Pinto) que lhe viriam a ser essenciais.

Uma outra frustração que marcou Cesário teve a ver com os conflitos mantidos em jornais e com autores consagrados do tempo, tendo sido mal compreendido por quase todos. Isso levou-o a lamentar, numa carta (C. Verde, 1988, pp.219-221), que, "literariamente, parece que Cesário Verde não existe". Foi grande a dificuldade que teve em encontrar espaços onde publicar a sua poesia, e de algumas vezes que o fez foi criticado por escritores como Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Teófilo Braga, Gomes Leal, Eduardo Coelho, Guimarães Fonseca... e em meios de comunicação social como o *Diário Ilustrado*, passando, após isso, a publicar em jornais e revistas de circulação mais restrita.

As contrariedades por que Cesário se viu envolvido fizeram dele um isolado e um inconformista. Isso notou-se a nível das ideias (o projecto de vida que desenvolveu), mas também no seu modo de escrita, na sua criatividade e expressão estética.

d) Doença e morte.

A doença e a morte afectaram, continuamente, a vida e a obra de Cesário Verde.

Na sua vida pessoal, marcou-o a morte da irmã, em 1872, com 19 anos. A referência que Cesário faz a "uma paixão defunta", em *O sentimento dum ocidental*, aplica-se à sua pessoa. O mesmo aconteceu com a morte do irmão, Joaquim Tomás, em 1882, com 24 anos.

Várias referências faz Cesário à morte, uma vicissitude que sentia iminente, nas cartas que escreve. Na poesia, várias das suas personagens são doentes. Outras estão à espera de morrer. Frustra-o a impotência perante a dor, a doença, as epidemias, o egoísmo, a falta de desenvolvimento da ciência que não permitia responder aos anseios mais elementares do homem.

O próprio Cesário, sobretudo a partir de 1887, começa a queixar-se de falta de saúde, falando de "escrófulas que se alastram, que se multiplicam depressa", não sabendo se era "resultado sífilítico", ou "outra coisa qualquer". Sabemos nós que era *tuberculose*, a mesma doença que lhe havia roubado os irmãos e que, de cura projectada no *futuro*, por que ele ansiava, não tinha ainda cura no seu tempo, acabando por vitimá-lo a ele também.

e) A literatura ao serviço de um projecto ideológico-social.

O sentimento dum ocidental encerra o projecto ideológico-social assumido por Cesário, que não surge completamente formado no poema, mas se vai formando, ao seu decorrer, através de um processo de construção.

O ponto de partida é a realidade focalizada por um poeta/narrador deambulante, que destaca a realidade do povo, encarado globalmente ou através de manifestações personalizadas, emoldurado na cidade onde existe e a que dá existência. De umas primeiras manifestações imprecisas acerca da realidade, são a pouco e pouco postos em destaque, e de modo cada vez mais visível, as desigualdades, as injustiças e as misérias que afectam as pessoas, as contradições que as marcam, as vicissitudes do sistema que as diminui. Todas as outras manifestações, nomeadamente da realidade burguesa, se destinam a fazer sobressair o seu *modo de consciência*.

Para formar consciência acerca dessa realidade, o poeta desenvolve um esforço de selecção (pensar é seleccionar) e de síntese (a consciência é escolha), através das cogitações contínuas que vai fazendo.

Desse modo, e porque a personalidade resulta da síntese dos fenómenos psíquicos seleccionados pela consciência, numa sequência de fenómenos a serem continuamente ligados a outros fenómenos anteriores, a personalidade do poeta vai-se enriquecendo, revelando-se cada vez mais nítida a representação que ele faz do mundo.

Mas a formação da sua nova consciência não surge por acaso e a selecção e a síntese verificadas não se operam de modo inocente. Houve factores na vida do poeta que as marcaram – as vivências do que o rodeia, feitas de misérias e desgraças materiais e espirituais, a formação

recebida no ambiente familiar, a conturbação ideológica do seu tempo. Numa lógica de determinismo naturalista, a nada disto o poeta ficou indiferente e tudo isto contribuiu para o desenvolvimento da preocupação social que ele mostra.

No ponto de chegada, a parte final do poema (embora já com algumas marcas anteriores), o poeta/narrador mostra-se possuído, se não de uma nova consciência, pelo menos de uma consciência mais organizada, através da qual toma posição crítica perante a realidade.

Dessa posição, a que adere, faz parte um profundo compromisso social, mostrando-se solidário com os desfavorecidos, os frágeis e os desgraçados, assumindo a sua defesa, valorizando as situações de força popular (O. Lopes, 1993, p.109) e destacando as manifestações da dor humana que encontra omnipresentes no ambiente da cidade.

Deste modo, Cesário apresenta uma clara posição política. Fazendo assentar o seu texto na ideologia que perfilha (a que não são estranhos os ideais republicanos e socialistas fortemente divulgados no seu tempo), ele mostra-se um escritor comprometido, para quem a actividade poética é entendida como meio de realizar um *projecto de vida*.

Cesário focaliza a ideologia e a mundividência burguesas para as denunciar, mostrando-se "ressentido" com elas e com todas as suas manifestações e consequências (E. Lourenço, 1993, p.127).

E dizer-se que Cesário pertencia ao 'mundo burguês' para desvalorizar a intervenção ideológico-social que perfilha, como certa crítica pretende fazer crer (A. Callinicos, 1950; G. Lichtheim, 1973), não é argumento relevante, visto que desse mundo burguês pode surgir um testemunho bem mais significativo da conflitualidade social que esse mundo gera, do que muitas das representações *ingénuas* de autores de origem humilde, mais *naturalmente* aceites como progressistas.

f) Um uso especial da linguagem.

Apesar de a linguagem de Cesário Verde ser destituída de "marcas eruditas", que "escasseiam na sua obra, cuja cultura é sobretudo tributária de informação jornalística ou de tertúlias" (A. Rocha, 1993, p.73), ele não deixou de merecer o apodo de "engenheiro da poesia" (J. P. Coelho, 1996, p.179), pelo modo metuculoso e geométrico como se exprime.

O estilo digressivo e impressionista de Cesário merece uma referência à parte. Ele está relacionado com o modo como ele exprime a "mobilidade da consciência" (W. James, 1909,

p.39), assente no *número* diverso das realidades existentes, cada uma com o seu estilo específico (os *sub-universos*, para James: o mundo dos sentidos ou das coisas físicas, tal como são experimentadas pelo senso comum, o mundo da ciência, o mundo das relações ideais, o mundo dos “ídolos da tribo”, os mundos sobrenaturais como o céu e o inferno cristãos, os mundos da opinião individual, os mundos da *alegre loucura*).

Perante a multiplicidade dos fenómenos com que depara e o "modo polifónico" (H. Bergson, 1985) a que recorre para os apreender, e com o que vai enriquecendo a sua personalidade (a consciência da realidade, revelada no final de *O sentimento dum ocidental*, apresenta uma segurança que não existe no seu início, e que foi sendo construída através das vivências essenciais que se foram acrescentando), Cesário privilegia os *estados substantivos*, os pontos fortes da consciência, em detrimento dos *estados transitivos* (em que o pensamento pouco se detém). O estilo digressivo que usa deve-se a ele valorizar, sobretudo, os primeiros em relação aos segundos.

Como trabalho importante/interessante, na aula, relacionado com este uso especial da linguagem, importa destacar o vocabulário inovador, usado em "sentido activo" (S. Castro, 1990, pp.16-17), a expressividade da adjectivação e dos verbos, as imagens inusitadas (ligadas às suas vivências, sonhos, convicções sobre a vida, determinações de acção, energias obscuras), o aproveitamento do prosaico para produzir efeitos poéticos, a atenção ao pormenor, a liberdade imagística reveladora de uma nova consciência estética, o recurso a símbolos capazes de traduzir todo um amplo, e ao mesmo tempo concreto, universo lírico, os elementos retórico-estilísticos (comparações e metáforas, sinédoques e metonímias, sinestésias...), a variedade e rigor de estrofes e métrica, o contínuo jogo musical, envolvendo formas e cores, "alternando estrofes ou versos de silêncio e quietude com outros de movimento e estridência" (M. Sacramento, 1959, p.116).

3 – LITERATURA E CONSCIÊNCIA

3.1 – Atendendo ao estágio actual de desenvolvimento da humanidade (a precisar de ser *retocado*, se não mesmo *reconstruído*, em quase tudo), a literatura (como a arte em geral) não pode ficar indiferente à realidade do mundo nem à expressão do humano. Ela surge sempre

comprometida com um ou com outro modo de ver a vida e o mundo e compete-lhe visar a sua transformação naquilo (e é muito) em que uma e outro se revelam deficitários.

Para além das questões específicas que fazem da literatura '*literatura*' (que aqui, como em qualquer forma de arte, não deixam de ser importantes), a literatura não pode deixar de ser chamada a focalizar a realidade, as vivências, os sentimentos, os projectos humanos. Como tal, a literatura revela-se uma força ao serviço da humanidade, competindo-lhe, entre outras dimensões (nomeadamente estruturais e estéticas), contribuir para a construção de um mundo cada vez mais promissor, à medida do humano.

Uma função essencial da literatura é ser de "intervenção", quer esta seja entendida num sentido restrito, ou lato – problematizar e apontar caminhos para a existência e a realização humanas, idealizar o mundo, formular utopias, simular situações, comentar, criticar, orientar, seduzir.

Desse modo, a literatura está a anos luz de merecer apodos de "superfluidade", ou até de "peso", com que alguns, por vezes, a pretendem etiquetar. Ela tem, como qualquer outra área do saber ou da técnica (a política, a economia, as ciências...), um sentido de utilidade, de imprescindibilidade até.

Porque ser *humano comprometido* exige *consciência*, esta encontra-se directamente relacionada com a literatura.

Sendo próprio da literatura despertar consciências, ela não pode passar indiferente às crises individuais e aos sentimentos e problemas sociais, políticos, económicos que afectam o mundo em que vivemos.

3.2 – O termo *consciência*, do latim *cum scire* (saber com), exprime a relação do conhecimento com as vivências dos indivíduos. Desse modo, a consciência é sempre uma fonte de enriquecimento da personalidade e uma forma de adaptação a um determinado meio.

É através da consciência que o ser humano se conhece e conhece toda a realidade humana e extra-humana. Sem ela, o ser humano seria uma simples coisa e para ele a realidade não teria existência. Sendo específica do ser humano, a consciência dá-lhe a conhecer, em cada momento, os fenómenos psíquicos, as vivências ou os estados de espírito (a consciência não se pode conceber sem eles) e as situações da vida, de modo que se adaptem a elas.

Não existindo *consciência do vazio* (a consciência, quer seja espontânea, quer reflexiva, é sempre consciência de alguma coisa), os fenômenos vivenciados pelo espírito despertam a consciência que os estrutura, passando os conhecimentos daí resultantes a integrar a personalidade de quem os formula.

A "consciência espontânea" corresponde ao conhecimento que acompanha os dados recebidos pelo psiquismo. É a consciência "corrente" (W. James, 1909, p.39) que acompanha os fenômenos tal como eles surgem e flui com eles.

A "consciência reflexiva" toma consciência desses dados, de modo posterior (recorrendo à memória), ou, de modo sequencial, mesmo concomitante aos fenômenos, daí resultando unidade para a vida psíquica do indivíduo, que transforma (enriquece) a sua personalidade como um todo coerente.

A consciência espontânea interliga-se com a consciência reflexiva, surgindo esta sequencialmente em relação à figuração da primeira.

Deste modo, e atendendo ao compromisso existente entre a literatura e o desenvolvimento da humanidade, literatura e consciência não podem deixar de surgir interligadas.

3.3 – Um caso especial de ligação da literatura com a consciência é a designada *literatura de libertação* (F. Fanon, 1990, capº 3º). Segundo ela, podemos repartir a consciência em três fases ou estádios:

a) Denúncia da inconsciência.

Indicação dos mitos e das ilusões impostos pela ideologia dominante e denúncia da alienação e da passividade daí decorrentes, o que resulta na impossibilidade de se poder contribuir interventivamente para a construção do presente.

O futuro surge no horizonte como uma luz de referência, uma meta a perseguir, uma espécie de "mito de redenção" que permitirá anular a crueza das experiências vividas e o sofrimento do presente.

É preciso combater os mitos envolvidos na realidade presente, gerando esperança no futuro, sem o que a dor e a opressão não poderão ser eliminadas.

b) Apelo ao despertar da consciência.

Face à realidade denunciada, gera-se a preocupação de formar uma *nova consciência* que substitua a *velha consciência* (falsificação da consciência) e os mitos em que ela assenta, que se considerou serem falsos.

São apresentadas experiências capazes de fazer com que a situação de passividade seja substituída por uma consciência reflexiva, uma autoconsciência, um desejo de intervir na formulação de uma nova realidade, que pode ainda não ser visível no presente, mas se espera que se venha a revelar no futuro.

c) Consolidação da consciência

A partir dos elementos apresentados na segunda fase, gera-se uma nova consciência, capaz de ligar a inconsciência da primeira fase com a autoconsciência da terceira.

Através da literatura, processa-se uma antevisão do que será a realidade futura (nova realidade), ou directamente, ou por oposição à realidade apresentada. A visão que existia da realidade (inconsciente) vai-se transformar em consciente.

Neste modo de agir, serão certamente mais as perguntas que as respostas. Mas isso permite representar caminhos. E ainda que se não encontrem muitas soluções, essa será uma via para despertar a consciência.

Em Cesário Verde, ainda que de forma não totalmente declarada, nota-se a presença destes três aspectos. O Poeta/narrador parte de uma situação de incipiência cognitiva (não se pode falar de total inconsciência, porque não existem mais que indícios de consciência), em que vai deparando com a inconsciência de dois grupos antagónicos de indivíduos, os favorecidos e os abandonados, que aprecia no seu evoluir no palco da cidade.

A inconsciência desses interventores é devida a razões naturalistas, segundo as quais a força do meio (opressor, aniquilador) determina o desempenho dos indivíduos. A eles se aplica, ao mesmo tempo, o sentido de consciência que igualmente virá a ser apropriado por Fernando Pessoa (que deve a Cesário muito mais influências do que aquelas que se tem dito acontecer), por exemplo à *sua* Ceifeira, segundo o qual a felicidade está na ordem inversa da consciência. Duas das suas manifestações estão nas ceifeiras (desgraçadas, mas felizes) e nos emparedados (conhecedores, mas impotentes, e por isso desiludidos e infelizes).

Depois, vai formulando hipóteses para que os problemas envolvidos sejam equacionados e resolvidos, terminando num estágio final de cognição e consciência.

Cesário parte de uma consciência que podemos considerar *difusa*, para uma consciência *declarada* e uma consciência *assumida*. Ele entremeia manifestações da *consciência espontânea* (quando vê, ouve, indica...) com manifestações da *consciência reflexiva*. Servindo-se de uma matriz sócio-moral que lhe serve de referência, retira conclusões acerca dos fenômenos e incorpora-as em si mesmo.

Para além das manifestações da *zona da consciência* (subjectiva, a consciência do próprio espírito, enquanto conhece e se conhece; e objectiva, os fenômenos conhecidos), em que Cesário Verde mostra, criticamente, consciência de si e dos fenômenos com que depara, verificam-se manifestações do sub-consciente, e até do inconsciente (realidades psíquicas que fazem parte da consciência): desejo absurdo de sofrer, ocorrência de exposições, antevisão de países, evocação das crônicas navais, e ainda a evocação da lua com um circo e jogos malabares, o sonhar o Cólera e o imaginar a Febre, a visão da catedral, a evocação das freiras que os jejuns matavam de histerismo, as frustrações de vida (como o sonho de ser escritor, o amor que não teve, o equilíbrio e a justiça que não viu surgirem no mundo...).

4 – UM APROVEITAMENTO DIDÁCTICO DAS ‘MANIFESTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA’, EM *O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL*

Sendo uma das principais finalidades da literatura comprometer-se com os indivíduos e a sociedade, importa sabermos pôr essa dimensão ao serviço do desempenho formativo da escola. Esta deverá focalizar, juntamente com outros, o tema da consciência, naquilo em que ela está envolvida com o sentido do humano e a transformação do mundo.

Deste modo, e no particular que representa o estudo de *O sentimento dum ocidental*, de Cesário Verde, uma estratégia a seguir será considerar os elementos poético-narrativos, que surgem ao longo do texto, interligados com manifestações da consciência que, ao mesmo tempo, se verificam.

No poema, um narrador digressivo conta uma história. Uma história tão simples que quase não é história, e que precisa do contributo do leitor para ser construída – com personagens e envolvências espaço-temporais.

Estes aspectos, no texto de Cesário, aparecem repartidos por 4 cenários interligados – *Ave-Marias*, *Noite Fechada*, *Ao Gás*, *Horas Mortas*. A eles correspondem, respectivamente, o *Cair da Tarde*, o *Acender das Luzes*, a *Fixação da Noite*, a *Noite Segura*.

Com cada um deles se interligam manifestações da consciência, como tratamos em texto autónomo.

*

A leitura do texto de Cesário Verde, na escola, deverá ser o mais possível orientada e construída com os alunos, e o menos possível delineada de modo centrado no professor.

Como linhas de referência para a orientação dessa construção, podemos salientar que:

Em termos ideológicos, Cesário Verde mostra-se determinado em intervir activamente na sociedade. O Poeta conta, para perseguir (e alcançar) os seus fins, com o contributo das frotas dos avós e de nómadas ardentes, cujo recrutamento idealiza. Ele sonha com a raça ruiva do porvir, a exploração dos continentes e das vastidões aquáticas. Revela consciência de que pertence, com todos quantos, de Lisboa, do país, do mundo... lutam, como ele, contra o ambiente humano triste, deficitário e infeliz, que é a realidade humana vigente, ao número dos emparedados, vivendo no descampado escuro cercado de muralhas, e entre folhas das navalhas e gritos de socorro estrangulados, na treva.

Em termos sociais, o poeta idealiza escrever um livro que cause impacto e seja notado, como veículo das ideias que defende.

Em termos metodológicos, ele defende que a literatura deve exprimir o real através da análise (com um observador de "luneta de uma lente só").

Em termos formais, ele deseja ser capaz de uma escrita de versos magistrais, salubres e sinceros, a pintura com versos capazes de exprimir as maiores subtilezas e a perfeição de tudo – para o que o poeta desejaria contar com uma condição de imortalidade, a que aspira, para melhor conseguir os seus fins, aperfeiçoando-se continuamente.

5 – CONCLUSÕES

As leituras que se fazem de Cesário Verde (como de muitos outros autores, na escola), são, muitas vezes, apressadas. Apoiam-se em lugares comuns e têm feito moda nos manuais de ensino, nos livros auxiliares, nas fichas, nos resumos... limitando e frustrando a criatividade dos alunos.

Se queremos contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos, na escola, importa pôr os alunos em contacto com os textos e motivá-los, deixar-lhes a liberdade de formularem hipóteses, que eles mesmos confirmem ou não, e de estabelecerem conclusões, e nunca povoar-lhes *definitivamente a memória* com ideias feitas, que matam a literatura e afastam os leitores dos *grandes* livros – que, podendo não ser os mais fáceis de ler, são todavia os mais proveitosos, porque os mais empenhados nas grandes causas humanas.

O estudo que apresentamos dirige-se à reflexão dos professores. E se quisermos (como achamos que deveria ser) que ele se dirija também à reflexão dos alunos, ele não pode ser visto senão como uma proposta, a par de outras, orientadora das leituras a realizar.

É nesse espírito que, metodológica e didacticamente, gostaríamos que ele fosse encarado.

Em linhas gerais, o que se pretendeu destacar foi que, na mundividência do texto de Cesário, a realidade ofusca, é triste, negativa. É isso que traz ao poeta a deambulação pela "cidade real", em termos factuais e simbólicos (H. Macedo, 1993, p.37). A realidade de Lisboa, que surge como pretexto para apresentar a realidade do país e de quantos nele vivem. Não estava Eça, no ano de publicação de *O sentimento dum ocidental*, a começar a escrever *Os Maias*, onde generaliza deste modo (C. Reis, 1982) e procura provar isto mesmo? Mas também é a realidade dos sistemas que regem o mundo, que é preciso criticar, denunciar, transformar.

Para Cesário Verde, o presente é negativo, deficitário, infeliz. Os indivíduos "conscientes" de Lisboa... do país, do mundo... convictos do carácter negativo, deficitário, infeliz da realidade humana, que como Cesário desejariam (e poderiam) construir uma realidade diferente, estão limitados, impedidos, nos seus meios de intervenção, pelo facto de se encontrarem dramaticamente *emparedados, murados, cercados*.

Eles vivem no vale escuro das muralhas e entre folhas das navalhas, na treva, e gritos de socorro estrangulados, e por isso a solução desejada fica comprometida. A imagem dos

emparedados é trazida do abominável tempo em que a Inquisição castigava, por esse processo, quantos transgrediam as suas inquestionáveis leis. A realidade do mundo em que o Poeta vive é considerada inquisitorial, sem justiça nem princípios.

Afinal, Cesário e quantos, ao lado dele, poderiam construir esse novo mundo, são "emparedados", que vivem num vale escuro, sem árvores, entre muralhas, rodeados de obstáculos e impossíveis, marcados por folhas de navalhas que, na treva, fazem soltar gritos de socorro.

Esses emparedados são-no num triplo sentido: são as vítimas de uma sociedade fortemente marcada pela influência tradicional e passadista da Igreja (o poeta não insiste às claras neste ponto, mas a imagem dos emparedados, triplamente insistida no poema, ainda que com nomes diferentes, é demasiado forte para passar despercebida); são as vítimas da tristeza que afecta a cidade de Lisboa; são as vítimas dos sistemas políticos, económicos, sociais... que afectam negativamente o mundo.

Mas à luz das manifestações da consciência, em *O sentimento dum ocidental*, há uma mensagem predominante de futuro, acção e esperança. Com as frotas dos avós e os nómadas ardentes, Cesário quer partir, como os marinheiros, no passado, à exploração de todos os continentes e seguir pelas vastidões aquáticas. Ele pretende, às forças opressoras, contrapor um sonho libertador (O. Lopes, 1993, pp.109-112).

Fernando Pessoa deu continuidade a esta ideia neo-épica para, reportando-se a Camões, e sequenciando Vieira, desenvolver a teoria do Quinto Império. Não se referir esta ligação de Cesário Verde com a vertente épica do pensamento pessoano é, no mínimo, mais uma injustiça praticada relativamente a Cesário Verde. Para Fernando Pessoa, o império que não há (e que Agostinho da Silva adiantou, depois, que, *se não há, e é preciso, então faça-se com que haja...*) liga-se ao império depois do império: o império da Língua Portuguesa, das culturas plurais dos povos que falam Português e partem com a Língua Portuguesa no bernal para os grandes feitos do desenvolvimento e do progresso – e, acrescentamos nós: por motivo da língua e de referências e vivências comuns, para a construção de pontes, da cooperação, da solidariedade entre todos eles. Foi Cesário Verde, que Pessoa tanto admirou, uma das referências que lhe deram fôlego para a sua proposta da formação desse *outro* império, a que nos cabe a nós, hoje, começar a dar forma.

É na parte final do poema que Cesário Verde coloca os principais ingredientes da sua mensagem. Ele considera ser possível construir uma realidade diferente com os meios que define

e, a partir daí, contribuir para a transformação do mundo – a ser procurada por ele e por quantos, com ele, quiserem encetar o esforço da construção da nova casa humana: de uma sociedade organizada e desenvolvida, sem exploradores nem explorados, sem opressores nem oprimidos, sem injustiças nem excluídos. A sociedade da *utopia*, da possibilidade, da vontade, do empenhamento, mas também da dúvida e do muito limitado optimismo.

Será esse o *novo império* (raça ruiva do porvir, frotas dos avós, de novo os marinheiros do passado, nómadas ardentes, explorar todos os continentes, pelas vastidões aquáticas seguir...), que está ao alcance dos seres humanos, e que eles precisam de construir.

Mesmo assim, não há lugar para optimismos apressados. Cesário remata o seu poema dizendo que a dor humana "tem marés de fel, como um sinistro mar", embora também deixe sugerido que é preciso que os seres humanos não se fixem aí, e busquem "os amplos horizontes", se empenhem na construção do mundo desejado.

Cesário considera a luta necessária e possível. É esse o "sonho de futuro" com que se "consola" (J. Laidlar, 1993, p.98), e é também o nosso sonho, que continuamos a julgar possível, ainda que reconheçamos que, no nosso tempo, tudo parece ser mais difícil ainda (U. N., 2005).

Como no tempo de Cesário, importa, hoje, revelar consciência e intervir, e se possível com mais força ainda. É preciso que a escola, com todos os meios de que dispõe (e um deles é a literatura), não se secundarize nem mantenha alheada, e dê o contributo que pode, e que dela se espera, para a transformação do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- BERGSON, Henri (1985). *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CALLINICOS, Alex (1950). *Contra o postmodernismo: unha crítica marxista*. Santiago de Compostela: Edicións Laidlar.
- CASTRO, Sílvio (1990). *O percurso sentimental de Cesário Verde*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- COELHO Jacinto do Prado (1976). Cesário Verde, poeta do espaço e da memória. In *Ao contrário de Penépole*. Lisboa: Bertrand, pp.195-198.
- COELHO, Jacinto do Prado (1996). O verso e a frase em 'O sentimento dum ocidental'. In *A letra e o leitor*. Porto: Lello & Irmão, pp.179-186.

- FANON, Frantz (1990). *The wretched of the earth*. London: Penguin Books.
- FRANÇA, José-Augusto (1993). A Lisboa de Cesário. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.55-65.
- FREIRE, Paulo (2003). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- JAMES, William (1909). *Précis de psychologie*. Paris: Marcel Rivière.
- LAIDLAR, John (1993). A interpretação de Cesário Verde. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.91-101.
- LICHTHEIM, George (1973). *As ideias de Lukács*. São Paulo: Cultrix.
- LOPES, Óscar (1993). Cesário e O'Neill. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.103-116.
- LOURENÇO, Eduardo (1993). Os dois Cesários. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.119-135.
- MACEDO, Hélder (1993). O romântico e o feroz: bucolismo e sexualidade na poesia de Cesário Verde. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.31-41.
- MENDES, Margarida Vieira (1992). *Poesias de Cesário Verde*. Lisboa: Comunicação.
- OLIVEIRA, Luís Amaro de (1949). *3 sentidos fundamentais na poesia de Cesário Verde*. Lisboa: Ed. Autor.
- REIS, Carlos (1982). *Introdução à leitura d'Os Maias*. Coimbra: Almedina.
- ROCHA, Andrée (1993). Cesário Verde e o mito de Anteu. In Helena Carvalhão Buescu (org.). *Cesário Verde – comemoração do centenário da morte do poeta*. Lisboa: Gulbenkian, pp.73-79.
- SACRAMENTO, Mário (1959). Lírica e dialéctica em Cesário Verde. In *Ensaio de Domingo*. Coimbra: Coimbra Editora, pp.93-137.
- SERRÃO, Joel (1986). Cesário Verde – Vida e morte de Cesário Verde. *Jornal Diário do Minho*, de 27.07.2005, pp.22-24 [republicação].
- STEINER, George (2005). *As lições dos mestres*. Lisboa: Gradiva.
- U. N. (2005). *Report on the world social situation 2005* [url: "<http://www.un.org/esa/socdev/rwss/media%2005/cd-docs/media.htm>"].
- VERDE, Cesário (1988). *O Livro de Cesário Verde e poesias dispersas*. Lisboa: Edições Europa-América.
- VERDE, Cesário (1999). *Obra poética e epistolografia*. Porto: Lello Editores [org. Ângela Marques].
- VERDE, Cesário (2001). *Poesia completa, 1855-1886*. Lisboa: Dom Quixote, pp.123-132 [fixação de texto de Joel Serrão].
- WHITE, Hayden (1994). *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp.